

MULHERES, NEGRAS E INFLUENCIADORAS: A EMERGÊNCIA DE DISCURSOS DO FEMINISMO NEGRO NO YOUTUBE¹

WOMEN, BLACK PEOPLE AND YOUTUBERS: THE EMERGENCY OF BLACK FEMINISM DISCOURSES ON YOUTUBE

Pâmella Rochelle Rochanne Dias de Oliveiraⁱ
Francisco Vieira da Silvaⁱⁱ

Resumo: O presente artigo parte dos estudos discursivos foucaultianos, por meio dos quais nos propomos a descrever/interpretar a produção discursiva-midiática no âmbito do *YouTube* que apresenta dizeres relativos aos ideais do feminismo negro. Para tanto, nos propomos a analisar as relações de saber-poder e as vontades de verdade presentes em um enunciado da ação digital “*Youtubers* Negras na Década Internacional de Afrodescendentes”. Nosso *corpus* recobre excertos retirados do vídeo “Como o racismo afeta meu trabalho?”, do canal Soul Vaidosa, que faz parte da ação. A análise realizada através do método arqueogenealógico, deixa ver as vontades de verdade que circulam no *YouTube* e inserem o sujeito mulher negra na seara de um discurso de denúncia e empoderamento, o qual se articula aos modos de enunciar do feminismo negro, que na atualidade passam a ser cada vez mais midiaticizados.

Palavras-chave: Discurso. Feminismo Negro. *Youtubers*. Estudos Foucaultianos.

Abstract: This article departs from Foucauldian discursive studies, through which we propose to describe/interpret the discursive-mediatic production within the scope of YouTube that presents sayings related to the ideals of black feminism. To do so, we propose to analyze the knowledge-power relations and the will to truth present in a statement of the digital action “Black Youtubers in the International Decade of Afrodescendants”. Our corpus covers excerpts taken from the video “How does racism affect my work?”, from the Soul Vaidosa channel, which is part of the action. The analysis carried out through the archaeogenealogical method, reveals the will to truth that circulate on YouTube and insert the black woman subject in the field of an empowerment and denunciation discourse, which is articulated with the ways of enunciating blackfeminism, which currently pass to be increasingly mediatized.

Keywords: Discourse. Black Feminism. Youtubers. Foucauldian Studies.

Introdução

Partindo da perspectiva de que “[...] a sociedade contemporânea (dita pós-industrial) rege-se pela midiaticização, quer dizer, pela tendência à ‘virtualização’ ou telerrealização das

¹ As discussões do presente artigo são fruto de pesquisa de doutorado. A versão completa deste texto foi publicada no *ebook* “A potência dos discursos no presente: gestos de leitura do acontecimento” (Marca de Fantasia – João Pessoa/PB, 2023).

relações humanas” (SODRÉ, 2002, p. 21), por meio da articulação entre as tecnologias da comunicação e o múltiplo funcionamento institucional de pautas individuais e coletivas, podemos afirmar que cada vez mais os movimentos sociais de luta e engajamento dos sujeitos são também midiaticizados, como é o caso do feminismo negro, sobretudo por meio da esfera das mídias digitais.

O feminismo negro surge enquanto campo epistemológico e político a partir da segunda metade do século XX. No caso norte-americano, o movimento é impulsionado por teóricas e militantes afrodescendentes² que tecem duras críticas ao fato do feminismo tradicional reduzir as mulheres a uma categoria universal, sem considerar as vivências e especificidades das negras. No Brasil, tanto o movimento feminista quanto o movimento negro ganham força a partir da década de 1970, durante a ditadura militar. Em ambos, as mulheres negras participam de forma ativa, desenvolvendo um papel fundamental. No que diz respeito às motivações que levam à emergência do feminismo negro em nosso país, estas são semelhantes ao caso norte-americano, pois dentro do movimento de mulheres (predominantemente branco), a questão racial era silenciada e as opressões raciais desconsideradas em nome de um inimigo “maior”: o sexismo. No movimento negro, por sua vez, as questões de gênero eram negadas ou secundarizadas devido ao recorrente machismo que delegava aos homens posições de vantagem em relação às mulheres. A partir dessa conjuntura, as mulheres negras percebem a necessidade de estabelecerem seu próprio espaço de luta, passando a “trilhar uma trajetória própria de autodefinição política” (NEPOMUCENO, 2013, p. 400), o que deságua na criação de diversas organizações feministas negras pelo país.

Nas últimas décadas, *sites*, redes sociais, jornais e revistas *online*, *blogs* e canais do *YouTube*, vêm produzindo novas narrativas acerca das mulheres negras, movimento que rompe com a invisibilidade histórica dessa população e, em decorrência disso, acaba por instaurar uma crescente discursivização dos ideais do feminismo negro, midiaticizando-os cada vez mais. Neste cenário, a ONU Mulheres Brasil em articulação com ONGs de Mulheres Negras Brasileiras (AMNB) lançou, em 2017, a ação digital “*Youtubers* Negras

² São nomes de destaque: Audre Lorde; Kimberle Crenshaw; Patrícia Hill Collins; bell hooks; Ângela Davis, entre outros.

na Década Internacional de Afrodescendentes”, com o objetivo de “destacar o papel positivo de mulheres negras líderes no desenvolvimento de atividades para o enfrentamento ao racismo e à discriminação racial” (ONU BRASIL, 2017)³. Foram convidadas para integrar a ação cinco *youtubers* que produzem conteúdo voltado para o empoderamento das mulheres negras, são elas: Carolina Lima, do canal Já tinha Carol; Lorena Monique, do Neggata, Patrícia Rammos, do Um abadá para cada dia; Winnie Bueno, do Preta Expressa; e Xan Ravelli, do Soul Vaidosa. As jovens produziram e postaram, em seus respectivos canais, vídeos indicando ações que podem levar a mudanças positivas na vida das mulheres negras brasileiras.

Dito isto, o presente trabalho busca observar como o discurso do feminismo negro atravessa e constitui os dizeres das *youtubers* negras, bem como a própria performance destas enquanto influenciadoras digitais. Nosso objetivo é analisar as relações de saber- poder e as vontades de verdade presentes em um dos enunciados advindo da ação digital “*Youtubers* Negras na Década Internacional de Afrodescendentes”, a qual, tomada aqui enquanto acontecimento, utiliza da visibilidade das influenciadoras para discursivizar dizeres antirracistas de combate ao preconceito racial e de gênero. Para tanto, selecionamos como materialidade de análise um dos vídeos produzidos para a ação: (i) “Como o racismo afeta meu trabalho?”, do canal Soul Vaidosa.

Para a análise, utilizamos o método arqueogenealógico, fruto dos estudos discursivos foucaultianos, o qual se volta para “[...] a descrição do discurso com valor de acontecimento no interior dos diferentes jogos de poder-saber-si” (NAVARRO, 2020, p. 31). A análise será realizada a partir de excertos retirados do vídeo.

O presente texto encontra-se estruturado da seguinte forma: no próximo tópico discutiremos sobre alguns conceitos foucaultianos que norteiam nosso trabalho.

³ “A iniciativa está integrada a estratégia “Mulheres Negras Rumo a um Planeta 50-50 em 2030”, para o empoderamento das mulheres negras e o combate à discriminação racial e étnica como condições primárias para o cumprimento dos objetivos da Década Internacional de Afrodescendentes (2015-2024) em articulação com a Agenda 2030 de Desenvolvimento Sustentável, adotada pelos Estados-Membros da ONU, e a iniciativa global Por um Planeta 50-50 em 2030: um passo decisivo pela igualdade de gênero, da ONU Mulheres”. Disponível em: <http://www.onumulheres.org.br/noticias/de-olho-da-decada-internacional-de-afrodescendentes-youtubers-negras-contam-quais-aco-es-almejam-para-o-combate-ao-racismo/>. Acesso em: 10 abr. 2023.

Posteriormente, nos detemos em apresentar o *YouTube* enquanto lócus de discursos em torno do feminismo negro, para então darmos início à análise da materialidade selecionada.

1 Aspectos da arqueogenealogia foucaultiana

Os estudos discursivos foucaultianos nos convidam a problematizar a inscrição histórica dos discursos, ou seja, investigar as condições de possibilidade que levam a emergência e circulação de determinados discursos em determinado tempo. Não à toa, esta foi uma das principais inquietações de Foucault (2008) em sua fase arqueológica: compreender como os discursos emergem em uma certa cadeia discursiva. Para tanto, o teórico toma os discursos enquanto práticas descontínuas que formam sistematicamente os objetos de que falam, por vezes se cruzando, ignorando-se ou se excluindo (FOUCAULT, 2009), sendo sempre produzidos no âmbito das relações de poder. A este respeito, Foucault assevera que “[...] os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os torna irreduzíveis à língua e ao ato da fala. É esse ‘mais’ que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever” (FOUCAULT, 2008, p. 54).

Esse “mais” a que se refere o filósofo diz respeito à necessidade de reconhecermos as articulações que os discursos estabelecem com os poderes no processo de produção de verdades historicamente delineadas (GREGOLIN, 2016), o que se dá por meio de uma densa descrição e análise incrustada na própria materialidade discursiva, ou seja nos limites de sua existência.

Ao tratar do discurso, inevitavelmente, Foucault (2008; 2009) refere-se ao enunciado, o qual podemos compreender enquanto unidade elementar do discurso, que não se reduz a uma estrutura, enunciação ou frase, sendo antes, “[...] uma função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis” (FOUCAULT, 2008, p. 98), assim, por enunciado se “quis definir as posições e funções que o sujeito podia ocupar na diversidade dos discursos” (FOUCAULT, 2008, p. 225).

As noções de discurso, enunciado e formação discursiva caminham juntas, de modo que para entender uma é necessário conhecer a outra, assim “[...] a análise do enunciado e

da formação discursiva são estabelecidas correlativamente” (FOUCAULT, 2008, p. 132). Como elucubra o filósofo, um enunciado pertence a uma formação discursiva da mesma forma que uma frase pertence a um texto, no entanto, enquanto a regularidade da frase é definida pelas leis da língua a que pertence, a regularidade do enunciado é definida pela própria formação discursiva. Esta última se caracteriza menos por princípios de construção e mais por uma dispersão, “[...] já que ela é para os enunciados não uma condição de possibilidade, mas uma lei de coexistência, e já que os enunciados, em troca, não são elementos intercambiáveis, mas conjuntos caracterizados por sua modalidade de existência” (FOUCAULT, 2008, p. 132).

Para que uma dada formação discursiva (FD) exista, é necessário que se apoie sobre o que Foucault (2008) denomina como regras de formação, as quais dizem respeito às condições de existência, coexistência, modificação e desaparecimento de uma repartição discursiva. São elas: a formação dos objetos, a formação das modalidades enunciativas, a formação dos conceitos e a formação das estratégias. É a partir da descrição dessas unidades que a regularidade do discurso pode ser rastreada.

O conceito de prática discursiva, por sua vez, pode ser compreendido como “[...] um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa” (FOUCAULT, 2008, p. 133). A esse respeito, Fisher (2001) comenta que os enunciados se inscrevem no interior de formações discursivas de acordo com um certo regime de verdade que os norteiam, o que significa que obedecemos constantemente a conjuntos de regras dadas num tempo e espaço específico, por meio das quais acabamos por afirmar as verdades de um momento histórico. Desse modo, quando uma mídia digital como o *YouTube* se apropria do discurso do empoderamento negro e da luta antirracista por conquista de mais espaços sociais, como no caso dos vídeos produzidos para a ação “*Youtubers* Negras na Década Internacional de Afrodescendentes”, ela faz emergir um discurso que segue certas regras, as quais passam a fixar determinados enunciados acerca da condição das sujeitas negras no Brasil de hoje. O que nos permite afirmar que “as ‘coisas ditas’, portanto, são radicalmente amarradas às dinâmicas de poder e saber de seu tempo” (FISHER, 2001, p. 204).

O poder, para Foucault, deve ser pensado enquanto “[...] luta, afrontamento, relação de força, situação estratégica. Não é um lugar, que se ocupa, nem um objeto, que se possui. Ele se exerce, se disputa” (FOUCAULT, 1998, p. 175). Funciona como uma espécie de maquinaria social que perpassa todas as estruturas da sociedade, pois está em toda parte, apresenta-se antes de tudo como uma relação entre os sujeitos que ora o exercem, ora sofrem sua ação. Assim, para além de uma instância negativa que reprime, o poder percebido a partir de sua positividade enquanto um conjunto difuso de micropoderes espalhados pela sociedade (família, igreja, trabalho, escola, redes sociais, etc.), estabelece-se como uma rede produtiva em que saberes se formam e se organizam, funcionando enquanto elementos que conferem valor de verdade aos jogos de poder. Poder, saber e verdade, são, portanto, questões essencialmente ligadas.

A noção de saber trabalhada por Foucault (2008) relaciona-se a prática discursiva e de maneira mais precisa à ciência, na medida em que compreende os saberes como campos organizados que constituem um tipo de discurso que está em vias de se tornar uma ciência (POSSENTI, 2007, p. 12). A esse respeito, Foucault afiança que “[...] um saber é, também, o espaço em que o sujeito pode tomar posição para falar dos objetos de que se ocupa em seu discurso” (FOUCAULT, 2008, p. 204). Revel (2005) assinala a existência de uma dupla articulação entre o poder e o saber, ao explicar que ao mesmo tempo em que o poder procura extrair um saber dos indivíduos, este saber extraído é constituído em meio a relações de poder. O saber, tido como uma construção histórica atravessada por relações de poder, acaba por produzir verdades que ganham forma e se estabelecem, por vezes, através das práticas discursivas (VEIGA-NETO, 2007).

Ao discorrer sobre o tema verdade, Foucault (1998, p. 13) versa sobre “[...] o ‘conjunto das regras segundo as quais se distingue o verdadeiro do falso e se atribui ao verdadeiro efeitos específicos de poder; entendendo-se também que não se trata de um combate a favor da verdade, mas em torno do estatuto da verdade e do papel econômico-político que ela desempenha’”. O mais importante para o filósofo é a compreensão de que a verdade não existe sem o poder, fora de suas teias, pois a verdade é deste mundo e, assim sendo, produz-se nele em meio a coerções diversas e também nele produz efeitos regulamentados de poder (FOUCAULT, 1998).

No tópico a seguir nos dedicamos a descrição/interpretação da materialidade de análise, tendo como base as noções foucaultianas discutidas até aqui.

2 *Youtubers* negras: Por uma cartografia dos discursos do presente

Sodré (2002), ao tratar sobre a existência de um "*ethos* midiaticizado"⁴ para caracterizar o espaço-tempo das realizações sociais contemporâneas, em sua *Antropológica do Espelho*, há mais de vinte anos atrás, já defendia a ideia de que a sociedade atual passa a estruturar-se em uma lógica midiática, que incide diretamente sobre a consciência e a construção de identidades individuais e coletivas. A partir dessa perspectiva, compreendemos que a midiatização vai além da dimensão técnica da mídia, "se espalha e se entranha na estrutura social, na constituição de uma cultura midiaticizada" (BARROS, 2009, p. 85), da qual fazemos parte.

Essa cultura implica um novo modo de vida, "com um novo espaço e modo de interpelação coletiva dos indivíduos" (SODRÉ, 2002, p. 23). Nesse sentido, o autor sugere que a midiatização seja "pensada como tecnologia de sociabilidade ou um novo *bios*, uma espécie de quarto âmbito existencial" (Idem, 2002, p. 25), tal proposição é feita pela referência de Sodré à classificação aristotélica dos três gêneros de existência, que são a vida contemplativa, a vida política e a vida prazerosa, sendo, pois, a midiatização da vida o quarto. Temos assim que é em meio a esta cultura midiaticizada que diferentes sujeitos e pautas ganham visibilidade.

Desde a última década observamos cada vez mais a presença das questões raciais nas pautas midiáticas⁵, também se faz visível um crescente protagonismo dos sujeitos negros brasileiros no campo das mídias digitais, com destaque para o *YouTube*, onde vídeos e canais produzidos por negras e negros passam a ganhar notoriedade. Assim, para além dos inúmeros grupos de militância negra que existem no Brasil e se proliferam na atualidade, sobretudo

⁴ O *ethos* é entendido aqui como "a consciência atuante e objetiva de um grupo social – onde se manifesta a compreensão histórica do sentido da existência, onde tem lugar as interpretações simbólicas do mundo – e, portanto, a instância de regulação das identidades individuais e coletivas" (SODRÉ, 2002, p. 45).

⁵ Ver mais em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-50482127>.

no âmbito da ciberativismo⁶, partimos da crença de que o *YouTube*, com seu poder de alcance e certa democratização da informação, contribui para que os ideais base do feminismo negro sejam cada vez mais propagados e transformados em instrumento positivo de percepção de si das sujeitas negras, especialmente entre as mais jovens que habitam o ambiente digital e passam a tomar posse do discurso do feminismo negro num movimento de empoderamento e combate ao racismo e ao sexismo. Dito isto, tomamos o *YouTube* aqui enquanto instância em que rastreamos enunciações, enunciados e discursos.

Nessa conjuntura, é válido citar o projeto *Fundo Vozes negras*⁷, criado em 2020 com o intuito de destinar recursos para incentivar a produção de audiovisualidades com foco na experiência negra e na justiça social. O fundo destinou em sua primeira edição mais de R\$ 100 milhões em treinamento e auxílio financeiro para 132 produtores de conteúdo espalhados por diversos países, no Brasil foram selecionados 35 canais, dos quais 21 foram de mulheres negras, entre estas ficaram: a feminista Natály Neri; a cibernilitante Gabi Oliveira; a funkeira e feminista MC Carol; a primeira mulher preta a vencer o maior *reality show* do país (*Big Brother Brasil*), a médica Thelminha; além de outras influenciadoras que, embora não tenham como pauta principal questões de gênero e raça, representam a diversidade negra brasileira e empoderam outras mulheres a partir de suas vozes⁸.

Este e outros acontecimentos discursivos e não-discursivos em torno das sujeitas negras no âmbito do *YouTube*, não ao acaso, irrompem ao mesmo tempo em que a Organização das Nações Unidas (ONU) declara o período entre 2015 a 2024 como Década Internacional de Afrodescendentes, com o intuito de fomentar discussões e ações de combate

⁶ O ciberativismo pode ser definido como “(...) toda estratégia que persegue a mudança da agenda pública, a inclusão de um novo tema na ordem do dia da grande discussão social, mediante a difusão de uma determinada mensagem e sua propagação através da “boca a boca” multiplicado pelos meios de comunicação e publicação eletrônica pessoal” (UGARTE, 2008, p. 55). Ver mais em Ugarte (2008).

⁷ Ver mais em:

<https://www.metropoles.com/entretenimento/youtube/contra-racismo-estrutural-youtube-cria-fundo-para-ajudar-criadores-negros>.

https://www.youtube.com/intl/pt-BR_ALL/creators/black-voices-fund/.

⁸ Lista completa dos influenciadores selecionados: https://drive.google.com/file/d/1ZJPoVbo33MiihhGC-Vj34maV50S_ywIp/view.

ao racismo e a xenofobia⁹. Evidencia-se, nisso, como todo dizer é produzido em meio às tramas históricas de seu tempo, por assim dizer, à racionalidade e ao regime de verdade vigente em sua época, os quais instauram uma ordem discursiva responsável por determinar enunciações possíveis em um dado momento (FOUCAULT, 2009).

A ação digital “*Youtubers* Negras na Década Internacional de Afrodescendentes”, promovida pela ONU Mulheres Brasil em articulação com ONGs de Mulheres Negras Brasileiras (AMNB), em 2017 – que faz parte das atividades desenvolvidas em prol da década afro – emerge como um acontecimento que reverbera de diferentes modos, pois além de trazer visibilidade para as youtubers ligadas à iniciativa também acaba por incentivar que cada vez mais mulheres negras ocupem o espaço do *YouTube* e nele abordem questões que dizem respeito as suas vivências, visibilizando suas pautas por um lado e por outro denunciando as diversas formas de racismo e opressão sexista que incide sobre elas. Questões que observamos em nossa materialidade de análise, que como dito anteriormente trata-se de um dos vídeos produzidos para a ação digital.

Figura 1: Canal Soul Vaidosa



Fonte: *YouTube*, 2023.

⁹ O intuito foi reforçar o compromisso da ONU com a promoção dos direitos humanos da população negra, que ainda hoje enfrenta duras batalhas contra o racismo e a xenofobia, sendo expostos aos danos causados pelo colonialismo e pela escravidão. Ver mais em: <http://decada-afro-onu.org/plan-action.shtml>.

Nossa materialidade de análise é o vídeo “*Como o racismo afeta meu trabalho?*”¹⁰ (figura 01), tomado aqui enquanto enunciado. A audiovisualidade foi produzida pela *youtuber* Xan Ravelli, que se apresenta como preta, crespa, mãe de três e feminista. Atualmente também é apresentadora do programa *Trace Trends* no Multishow. O canal de Xan é o Soul Vaidosa, criado em 2013 com o intuito de falar sobre beleza, apoio emocional e vidas pretas, como a própria influenciadora descreve na aba “sobre”. O canal possui hoje quase 70 mil inscritos.

A produção audiovisual, que traz em sua abertura a logo da ONU Mulheres, possui cinco minutos e cinquenta e nove segundos de duração. Inicia com a influenciadora se apresentando e logo em seguida falando sobre o “Dia internacional para eliminação da discriminação racial” – vinte e um de março, data que escolheu pra postar a produção. Xan, aproveita e conta sobre o convite da ONU Mulheres para falar a respeito da Década Internacional de Afrodescendentes, tema que norteará seus dizeres. O desenrolar do vídeo trata de discutir sobre como o racismo afeta seu trabalho enquanto influenciadora em diálogo com o foco da década afro. Tomemos o excerto a seguir.

EXCERTO 01

Muitas vezes me perguntam se eu sou uma blogueira ou uma blogueira negra? A minha resposta é que eu sou uma blogueira negra, porque *a gente vive em um país onde não é normalizado você ser negro. O padrão de normalização ainda é a branquitude.* A gente já falou bastante disso aqui no canal, mas por exemplo, *quando eu vou procurar algum tutorial de maquiagem pra mim, eu tenho que procurar “tutorial de maquiagem para pele negra”.* Aliás, aqui no canal a gente fala sobre maquiagem, a nossa indústria de cosméticos tem uma dificuldade séria de abraçar o nossotom de pele e produzir uma maquiagem que seja específica e adequada paraele. *Eu fico louca quando chego nas lojas de maquiagem e as atendentes não tem o meu tom de pele e vem com aquela desculpa, sabe: “se você misturar dois do certinho”.* - *Cara! Eu não tenho que misturar, você que tem que fazer um tom adequado para mim, sabe porquê? Por que isso é racismo.* Eu tô consumindo. Eu não tô pedindo, eu tô comprando (COMOO RACISMO AFETA MEU TRABALHO, 2017, grifos nossos).

¹⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pOhrwC8KagU>.

O enunciado, embora trate de um tema maior que afeta todo o grupo de mulheres negras e tenha o propósito de apresentar a década afro, se constitui por um dizer em tom confessional, a partir do qual a *youtuber* apresenta suas vivências e experiências pessoais atreladas ao tema do vídeo. Desse modo, podemos afirmar que o sujeito que enuncia coincide com o sujeito do enunciado (FOUCAULT, 1988).

A partir do excerto 01, observamos que o sujeito mulher negra *youtuber* produz seu enunciado inserido na formação discursiva (FD) do feminismo negro, o que fica marcado pela atitude empoderada de se afirmar blogueira negra e exigir que suas questões sejam ouvidas. Esta FD entra em disputa e trava lutas com a FD do racismo, que insiste em negar os corpos negros como normais, excluindo-os de espaços e do acesso à bens, questão destacada especialmente nos trechos: “*a gente vive em um país onde não é normalizado você ser negro*”; “... *quando eu vou procurar algum tutorial de maquiagem pra mim, eu tenho que procurar ‘tutorial de maquiagem para pele negra’*”; e “*Eu fico louca quando chego nas lojas de maquiagem e as atendentes não tem o meu tom de pele*”. Os dizeres de Xan Ravelli não só denunciam e combatem o racismo estrutural e cotidiano (KILOMBA, 2019) que incide sobre as mulheres negras e seus corpos, como também explicitam a forma sutil e cruel pela qual o racismo atua, por vezes tentando anular a existência dos sujeitos negros/negras.

A nosso ver, a especificidade do racismo moderno está diretamente ligada ao que Foucault (2005) nomeia de técnicas e tecnologias do poder, as quais atualizam-se com o passar do tempo. Ideia que dialoga com o pensamento de Kilomba (2019), para quem o poder – entendido aqui enquanto relações de poder – é constituinte do racismo e, por isso, das manifestações racistas históricas, políticas, sociais e econômicas que delegam aos sujeitos negros “diferenças globais na partilha e no acesso a recursos valorizados, tais como representação política, ações políticas, mídia, emprego, educação, habitação, saúde, etc.” (KILOMBA, 2019, p. 76).

Observamos ainda no excerto 01 que Xan Ravelli, enquanto mulher negra inserida em uma sociedade extremamente racista, não só é submetida a relações de poder que tentam objetivá-la, como também por meio do canal e de seus dizeres insere-se em outras relações de saber-poder nas quais exerce o poder, subjetivando-se, como é possível observar nos

trechos: “*A minha resposta é que eu sou uma blogueira negra*”; e “*Eu não tenho que misturar, você que tem que fazer um tom adequado para mim, sabe porquê? Por que isso é racismo. Eu tô consumindo. Eu não tô pedindo, eu tô comprando*”. O que nos permite ver como o poder, ou melhor as relações de poder, se estabelecem enquanto pontos móveis em uma rede dinâmica.

O embate travado entre diferentes formações discursivas, que se deixa ver no enunciado da *youtuber*, nos remete a assertiva de Fisher (2013, p. 130-131) quanto ao fato de que “a produção de textos, de falas, de coisas pronunciadas ou escritas, em qualquer momento da história, em qualquer lugar, nada tem de tranquilo: supõe sempre ‘lutas, vitórias, ferimentos, dominações, servidões’”. Tomemos o excerto a seguir.

EXCERTO 02

Aqui no canal a gente também conversa sobre feminismo negro, porque é importante a gente fazer recortes e saber que as mulheres negras possuem, sim, especificidades e questões diferentes das mulheres brancas, que estão um degrau a cima da gente nessa pirâmide do privilégio social. Eu também faço questão de mostrar toda a minha família aqui no canal, de trazer o Paulão, de trazer as crianças, porque eu sei a falta que faz essa representatividade de ter uma família preta, trabalhadora. (COMO O RACISMO AFETA MEU TRABALHO, 2017, grifos nossos).

O excerto 02 nos deixa ver que o enunciado da *youtuber* visibiliza os regimes de verdade estabelecidos pelo feminismo negro, especialmente aqueles que versam sobre a importância da tomada de consciência étnico-racial das mulheres negras, o que as leva a um processo de autoconhecimento de si mesmas e do seu lugar no mundo, empoderando-se. Uma vez que o pensamento feminista negro se estabelece como “[...] um conjunto de experiências e ideias compartilhadas por mulheres afro-americanas que oferecem um ângulo particular de visão do eu, da comunidade e da sociedade, que envolve interpretações teóricas da realidade de mulheres negras” (BAIROS, 1995, p. 6). Para Collins (1990), este campo desafia não só as formas de dominação de uma sociedade estruturalmente branca, masculina e heteronormativa, mas coloca em tensionamento a produção de conhecimento das mulheres

negras, as quais tem produzido e validado o próprio conhecimento na busca por desenvolver interpretações distintas acerca da opressão vivenciada.

O trecho “*Aqui no canal a gente também conversa sobre feminismo negro, porque é importante a gente fazer recortes e saber que as mulheres negras possuem, sim, especificidades...*”, dialoga com o dizer de Nadine Gasman, representante da ONU Mulheres Brasil, ao explicitar a importância de dar visibilidade para as mulheres negras, pois:

[...] o racismo e sexismo apagam as contribuições das mulheres negras para o desenvolvimento do país, ao mesmo tempo em que encobrem as violações de direitos humanos das mulheres negras, impedindo o fim das desigualdades com base na raça, gênero e outras formas de opressão e de discriminação [...] (ONU BRASIL, 2017, n. p.).

O enunciado de Xan Ravelli, como um todo, também dialoga e dá condições para a emergência de outros enunciados no âmbito do *YouTube* que se debruçam sobre as questões do reconhecimento étnico-racial, da justiça social, e da representatividade e ocupação de cada vez mais espaços pelas mulheres negras. São exemplos os vídeos: “*O que é ser mulher negra? – Especial dia internacional da mulher*” (2019)¹¹, do Canal Preto; “*Racistas no BBB e meu nome é liberdade*” (2019)¹², do canal Gaby Oliveira; “*A importância da estética e autoestima negra: geração tombamento é política?*” (2020)¹³, do Canal Nátaly Neri; e “*Empoderamento da mulher negra | Consciência negra*” (2023)¹⁴, do canal Bia Bem.

O trecho “[...] saber que as mulheres negras possuem, sim, especificidades e questões diferentes das mulheres brancas, que estão um degrau a cima da gente nessa pirâmide do privilégio social”, nos remete diretamente a assertiva do feminismo negro quanto ao caráter duplo da condição histórica, política e social (e não meramente biológica) das mulheres negras, que as tornam as mais oprimidas e exploradas nas sociedades que tem suas bases enraizadas no patriarcado e na branquitude, pois “o sexismo e o racismo, atuando juntos, perpetuam uma iconografia de representação da negra que imprime na consciência cultural

¹¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mGZCTf6BI8s>.

¹² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=a4ZCW4spak>.

¹³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=srKdoOEbjeg&t=47s>.

¹⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OyBWAAtbedV0>.

coletiva a ideia que ela está neste planeta principalmente para servir aos outros. Desde a escravidão até hoje” (HOOKS, 1995, p. 468). Neste sentido, é que Collins (2021a) pontua não ser possível libertar as mulheres negras sem levar em conta tanto a raça quanto o gênero. Vejamos o excerto a seguir.

EXCERTO 03

Durante essa década toda a ONU nos propôs três pilares para gente se apoiar na luta pela erradicação da discriminação racial. O primeiro deles é o reconhecimento – De passar esse conhecimento histórico pra reconhecer todas as contribuições históricas do negro na nossa sociedade hoje e também todos os prejuízos que a escravidão nos deixou. Outro dos pilares é a justiça – para que os negros e negras tenham acesso a mecanismos de justiça [...]. O desenvolvimento é o terceiro pilar, que faz menção a garantir o direito a educação e a empregos, e o nosso desenvolvimento social e econômico. Pois é, a gente não pode viver hoje pensando que o que aconteceu no passado não deixou consequência alguma em todo nosso contexto social atual por que não é verdade né? A escravidão aqui no Brasil acabou a 128 anos, isso é muito pouco tempo pra se transformar o pensamento coletivo. A década dos afrodescendentes vai até 2024 (COMO O RACISMO AFETA MEU TRABALHO, 2017, grifos nossos).

No excerto 03, a *youtuber* apresenta os três pilares que orientam as discussões propostas pela década afro: (i) reconhecimento; (ii) justiça; e (iii) desenvolvimento. Estes são expostos de modo didático por um falar pedagógico.

É importante destacar que do ponto de vista histórico e político, o que leva o sujeito *youtuber* negra a se reconhecer enquanto sujeito portador de uma identidade étnico-racial e visibilizar sua existência e suas pautas em um espaço amplo como o *YouTube*, está diretamente atrelado a acontecimentos que possibilitaram esse momento. Entre estes acontecimentos podemos citar o despertar do movimento feminista negro, que luta contra o sexismo e o racismo por meio da produção intelectual e militante de mulheres negras, as quais desafiam as relações de poder impostas pela sociedade branca e patriarcal (KILOMBA, 2019), instituindo novas vontades de verdade a respeito de si mesmas. Também podemos citar o advento da *internet* e das mídias digitais que trouxe consigo um terreno propício para o desenvolvimento dessa cultura da midiática, a partir da qual a mídia torna-se ao mesmo

tempo “parte do tecido da sociedade e da cultura e uma instituição independente que se interpõe entre outras instituições culturais e sociais e coordena sua interação mútua” (HJAVARD, 2012, p. 54).

Neste íterim, o vídeo “Como o racismo afeta meu trabalho?” de Xan Ravelli, tomado aqui enquanto enunciado, bem como a ação digital “*Youtubers* negras na Década Internacional de Afrodescendentes”, irrompe como um acontecimento que está atrelado a história, pois presume a existência de um regime de enunciabilidade que permite seu aparecimento no *YouTube*.

Considerações finais

A presente análise nos permite observar que o *Youtube*, enquanto instância midiática, apresenta-se como lócus no qual irrompem cada vez mais enunciações, enunciados, discursividades e discursos em torno das mulheres negras, as quais tomam posse de suas existências, visibilizando as pautas que as atravessam. Observamos ainda que o despertar de mulheres como Xan Ravelli, que se filiam aos discursos do feminismo negro e estão inseridas no *YouTube* enquanto produtoras de conteúdo, introduzem um movimento de empoderamento e combate as práticas racistas e sexistas, movimento que leva estas mulheres a erguerem a voz, rompendo com os silêncios históricos (hooks, 2019).

Acreditamos que os atuais regimes de verdade do feminismo negro perpassam em grande medida os enunciados das *youtubers* negras, especialmente os produzidos para a ação digital “*Youtubers* Negras na Década Internacional de Afrodescendentes”, pois o próprio ato de erguer a voz, em si, “tem sido um dos aspectos transformativos centrais do movimento feminista” (HOOKS, 2019, p. 19), que procura sempre desafiar as mulheres a romperem o silêncio que invisibiliza suas dores. Assim, o falar dessas *youtubers*, a nosso ver, aproxima-se aos movimentos de luta do feminismo negro, uma vez que incentiva outras mulheres a se posicionarem contra as diferentes formas de opressão que tentam diminuí-las e apagá-las em diversos aspectos (social, político, estético, afetivo etc.).

Referências

- BARROS, Laan Mendes. Recepção, mediação e midiatização: conexões entre teorias europeias e latinoamericanas. In: MATTOS, MA., JANOTTI JUNIOR, J., and JACKS, N. (Orgs.). *Mediação & midiatização* [online]. Salvador: EDUFBA, 2012, pp. 79-105. ISBN 978-85-232-1205-6. Disponível em: SciELO Books: <http://books.scielo.org>.
- BENTO, Maria Aparecida Silva. *Pactos narcísicos no racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público*. (Tese) Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.
- BERTH, Joice. *O que é empoderamento?* Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- BURGESS, Jean; GREEN, Joshua. *YouTube e a revolução digital: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade*. São Paulo: Aleph, 2009.
- COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019 [1990].
- FISHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a análise do discurso em educação. *Cadernos de Pesquisa*, n. 114, p. 197-223, nov., 2001.
- FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert L. e RABINOW, Paul. Michel Foucault. *Uma trajetória filosófica*. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 231-249.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 19 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009.
- FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade: Curso no Collège de France (1975-1976)*. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. 13 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.
- GREGOLIN, Maria do Rosário. Discursos e imagens do corpo: heterotopias da (in)visibilidade na web. In: FLORES, G.; NECKEL, N.; GALLO, S. *Análise do discurso em rede: cultura e mídia*. Campinas, SP: Pontes, 2015.
- GREGOLIN, Maria do Rosario. *Análise do discurso e mídia: a (re) produção de identidades*. Comunicação, Mídia e Consumo, São Paulo, v. 4, n. 11, p. 11-25, nov. 2007.
- HJAVARD, Stig. Midiatização: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural. *MATRIZES*, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 53-91, 2012.
- HOOKS, Bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Tradução Bhuvli Libanio. 15 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021.
- HOOKS, Bell. Intelectuais Negras. *Revista Estudos Feministas*, n. 2, Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação – episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MACHADO, Roberto. *Foucault, a ciência e o saber*. 3 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

NAVARRO, Pedro. Estudos Discursivos foucaultianos: questões de método para análise de discurso. *Revista Moara - Estudos Linguísticos*. Edição 57, Vol. 1/ ago-dez 2020. ISSN: 0104-0944.

NEPOMUCENO, Bebel. “Mulheres negras: protagonismo ignorado”. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 382-409.

ONU BRASIL. *ONU Mulheres lança ação digital com youtubers negras para combater o racismo*. Brasil, 2017. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/76056-onu-mulheres-lanca-acao-digital-com-youtubers-negras-para-combater-o-racismo>. Acesso em: 07 de abr. 2023.

REVEL, Judith. *Michel Foucault: conceitos essenciais*. Tradução: Carlos Piovezani Filho e Nilton Milanez. São Carlos: Claraluz, 2005.

RIBEIRO, Djamila. *Feminismo negro para um novo marco civilizatório*. Sur. Revista Internacional de Direitos Humanos, São Paulo, v. 13, n. 24, p. 99-104, 2016.

SARDENBERG, Cecília M. B. Conceituando “empoderamento” na perspectiva feminista. I Seminário Internacional: Trilhas do Empoderamento de Mulheres – Projeto TEMPO, NEIM/UFBA. *Anais*. Salvador, 2006. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/6848>. Acesso em: 15 set. 2019.

SODRÉ, Muniz. *Antropologia do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede*. Petrópolis: Vozes, 2013.

VEIGA-NETO, Alfredo. *Foucault e a educação*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

ⁱ Doutorado em Letras pela Universidade Estadual do Rio Grande do Norte – PPGL/UERN
E-mail: pamella_rochelle@hotmail.com
Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/11920716675576547>
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3315-659X>

ⁱⁱ Professor Doutor da Universidade Federal Rural do Semi-Árido - UFERSA
E-mail: francisco.vieiras@ufersa.edu.br
Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/8730615940772209>
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4922-8826>